

7753

Miguel Freire escapou do convencional modelo dos documentaristas, de planos médios alternados com imagens das obras do artista, no caso Jô Oliveira. Pretensioso, partiu para um trabalho onde relatou da escolha de um samba-enredo ao desfile da escola de samba Lins Imperial. Considera os curtas de uma maneira geral "pouco criativos, até mesmo preguiçosos".

GUERRA SANTA NA AVENIDA

Um curta, sem preguiça



Guerra Santa na Avenida — que está sendo lançado nesta segunda-feira, na Cultura Inglesa, em sessões contínuas a partir das 20 horas — é um filme curto que teve longa gestação. Começou a ser feito há quatro anos, só há pouco conseguiu ser finalizado. A produção teve de ser interrompida, por problemas financeiros, logo após o término das filmagens durante o carnaval carioca de 1979.

O diretor/produtor do filme, Miguel Freire, há muito idealizava o projeto de realizar um curta-metragem a partir do trabalho do desenhista Jô Oliveira. Só que queria fugir do modelo usado/abusado pelos documentários sobre artistas plásticos — em que entrevistas em planos médios são alternadas com imagens do trabalho do artista focalizado. "É um tipo de filme pouco criativo, diria até preguiçoso. Há um verdadeiro desencontro entre a maneira de se tratar os temas nos curtas que chegam ao mercado e à expectativa do público. E meu filme tem a pretensão de ser bem aceito pelo público", diz Miguel Freire.

A proposta de **Guerra Santa na Avenida** é basicamente documentar um processo de adaptação da história em

quadrinhos original (**A Guerra no Reino D Divino**, "uma mistura de Canudos e Lampião") para a linguagem do samba-enredo pela Escola Lins Imperial. O filme registra desde o concurso que escolheu o tema extraído na história de Jô para o enredo do carnaval de 1979, até o próprio desfile na avenida — tudo entremeado com cenas do cotidiano dos habitantes de Lins e rápidos depoimentos de líderes da escola de samba e de cartunistas como Miguel Paiva.

Freire enfatiza, no trabalho de Jô, a sua "facilidade em pregar uma história oral e transpor para os quadrinhos de forma harmônica".

Na **Guerra do Reino Divino** ele misturou episódios que aconteceram em lugar e época diferentes e essa mesma liberdade foi repetida e ampliada pelo pessoal da escola de samba que fez uma adaptação livre de seu trabalho.

Jô Oliveira faz uma observação sobre o processo que envolveu seu trabalho. **Guerra no Reino Divino** partiu, justamente, do cordel ("cultura popular") para se transformar em história em quadrinhos ("cultura de massas"), que com a versão da Lins Imperial voltou a ser cultura popular — e o próprio

filme de Miguel s Freire, encerrando o ciclo, trouxe novamente o caráter de "cultura de massas". **Guerra no Reino Divino** foi pupublicada, pela primeira vez, na revista italiana **Linus**, passando pela Argentina **Crisis** e por uma publicação grega, até chegar a uma edição especial do **Pasquim**. Na verdade o trabalho de Jô é mais conhecido e admirado no exterior, principalmente Itália, que no Brasil. Aliás, o quadrinho brasileiro enfrenta dificuldades ainda maiores que as do cinema brasileiro — em especial o de curta-metragem. De novo, Miguel Freire:

— A lei de amparo ao curta não foi eficiente. Os exibidores passaram a produzir curtas de baixo nível para cumprir a lei, ocupando um espaço destinado aos produtores independentes e deixando vários filmes nas prateleiras, que a Embrafilme não consegue distribuir. Mas a lei deve ser repensada de maneira conjunta, não adianta simplesmente cobrar brios patrióticos dos exibidores.

Miguel começou a estudar cinema na UnB. Com a extinção do curso, teve de concluir na Universidade Federal Fluminense. Dirigiu dois filmes: **Escola de Comunicações e Papuá**, que recebeu o prêmio de melhor

fotografia — também assinada por ele — no I Festival do Filme Brasiliense. Ainda na época da UnB participou das equipes de **Vestibular 70 e Ponto de Encontro**. Sua experiência maior se deu como diretor de fotografia — em **Crime Azul**, de Zuleica Porto, três documentários de Pedro Jorge (**De Sol a Sol**, **Boca de Forno** e **Quem é Santos Dumont**) e atualmente no novo antiodocumentário de João Lanari, ainda sem título.

Produzido com o apoio da Embrafilme e Fundação Cultural do DF, **Guerra Santa na Avenida** foi fotografado e montado por Mário Carneiro, um dos maiores iluminadores do cinema brasileiro e autor do delirante **Gordos e Magros**. Miguel foi aluno e assistente de Mário Carneiro em **Sagarana: o Duelo**, de Paulo Thiago. O filme, que reuniu técnicos cariocas e brasilienses, tem direção de produção de Márcia Moreira e Marília Alvim, som direto de Sílvia Alencar, trilha sonora de Patrícia Pinto, texto do jornalista Humberto Mancuso e narração de Paulo César Pereira.

O lançamento do filme, a cargo da Candango Produções, inclui, além de drinques e salgadinhos, uma exposição dos originais de Jô Oliveira.